

Despoluição do Tietê

"A Sabesp e a Cetesb consideram que a matéria sobre o Projeto Tietê, publicada na edição de 13 de novembro, abordou apenas parte do complexo e extenso trabalho para despoluir o Tietê. Necessário também levar em conta a previsão das próximas etapas do projeto, para viabilizar a meta de universalização da coleta e do tratamento tanto dos esgotos quanto dos efluentes industriais na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). A despoluição do rio Tietê deve ser vista como um projeto de longo prazo em região de escassez hídrica, populosa e com grande desigualdade sócio-econômica. Seria equivocado nutrir a ilusão de que seria possível recuperar o rio Tietê em curto espaço de tempo, depois do acúmulo de décadas de problemas ambientais e crescimento vertiginoso. Tal perspectiva realista observa os ganhos com o aumento na quantidade de ligações de esgotos domésticos, coleta e tratamento, desconsiderados na matéria. A própria melhoria ocorrida na qualidade das águas do Tietê em Pirapora do Bom Jesus e o recuo da mancha de poluição em 160 km foi minimizada. Melhorar a despeito de um aumento de cerca de dois milhões de habitantes na RMSP no período 1992-2006 e uma elevação visível do aporte de carga poluidora difusa, (lixo, poluição pela água pluvial) lançada diretamente nos cursos d'água. Nas duas primeiras etapas, o Projeto Tietê possibilitou o tratamento dos esgotos de uma população adicional de 8,5 milhões de habitantes da RMSP, destacando-se também a implantação do sistema de interceptores ao longo do rio Pinheiros, para escoar os esgotos coletados nas áreas das represas Billings e Guarapiranga e nas demais regiões ao longo desse rio para a ETE Barueri. A Sabesp contribui, ainda, com o tratamento dos esgotos de municípios não operados pela empresa, como Mogi das Cruzes, São Caetano do Sul, Santo André, Diadema e Mauá. Em outros casos, adaptou as ETE's para receber cargas poluidoras adicionais, como é o caso da ETE São Miguel, preparada para receber os esgotos de Guarulhos. Nessa direção, Sabesp e Cetesb trabalham juntas, e com a cooperação de um amplo conjunto de órgãos públicos, tratando a questão com prioridade e transparência para realizar de forma eficiente as determinações do governo do Estado e as aspirações da sociedade civil organizada, para que o Tietê e seus afluentes renasçam, a exemplo de outras experiências bem sucedidas no mundo."

GESNER OLIVEIRA FERNANDO REI

Presidente da Sabesp

e presidente da Cetesb

Resposta das jornalistas Daniela Chiaretti e Samantha Maia: *Várias das ponderações apresentadas (recuo da mancha de poluição, aumento da população, novas estações de tratamento etc) foram contempladas na reportagem.*

Associação Comercial

"Referente à carta publicada na edição do dia 27/11, na coluna de cartas de leitores, assinada pelo leitor Hécio Rodrigues, a Associação Comercial de São Paulo esclarece que, certamente a informação prestada a esta senhora quanto à necessidade de comparecimento à Associação Comercial de São Paulo deve ter sido dada por alguma entidade que não participa de nossa rede nacional, a Renic. Na cidade do Rio de Janeiro, o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro, uma das bases centralizadoras da Renic, tem um balcão de atendimento ao público apto a dirimir dúvidas dos consumidores com as empresas associadas às entidades da rede. Além disso, a referida senhora deve ter recebido uma correspondência da Associação Comercial de São Paulo que não só informava sobre a inclusão do registro, como também indicava um telefone para contato com a empresa credora, onde poderia sanar suas dúvidas."

ROSSEI GARCIA

Superintendente de Produtos e Serviços da Associação Comercial de São Paulo

FHC

"O desespero produz surtos de grosseira arrogância e ódio preconceituoso. A fala de FHC, o pior governante que o Brasil já teve, se não trai sinais de senilidade, é típica reação de uma elite egoísta, que acha que, porque teve acesso à escolaridade, ao conhecimento, inclusive ao domínio de outras línguas, tudo pode, inclusive ser mal-educada (note-se que escolaridade não é sinônimo de educação), desatando o presidente da República. O povo não gosta disto! A desrespeitosa agressividade de Geraldo Alckmin muito contribuiu para sua derrota nas eleições de 2006. Sua imitação, em versão muito piorada, por FHC, aliada à hipocrisia da atuação da bancada do PSDB na Câmara e no Senado, por certo, desde agora, prejudicará o desempenho do partido nas eleições municipais em 2008, o que, certamente, vai refletir em performance igualmente insuficiente nos pleitos a cargos majoritários e proporcionais, em nível estadual e federal em 2010. Congratulo o Valor pela sempre lúcida e isenta abordagem do tema, no que não é seguido pelos demais veículos de nossa chamada 'Grande Imprensa'."

RUBENS SILVIO

rsilvio@terra.com.br

crescimento dos países retardatários não estão sendo atendidas. Por James D. Wolfensohn

A noção de uma linha divisória entre o Norte rico e o Sul pobre e em desenvolvimento tem sido por muito tempo um conceito central entre economistas e formuladores de políticas. De 1950 a 1980, o Norte respondeu por quase 80% do PIB global, mas por apenas 22% da sua população, e o Sul respondeu pelo restante da população global e 20% da renda global.

Essa linha divisória entre Norte e Sul, porém, já ficou obsoleta. O dinâmico processo de globalização resultou em níveis inéditos de crescimento e interdependência. Se isso, entretanto, turvou por um lado o antigo divisor de águas, por outro novos despertaram, fragmentando o mundo em quatro níveis interligados.

O primeiro nível engloba os países ricos, especialmente EUA, países europeus, Austrália e Japão — com uma população agregada de cerca de um bilhão de pessoas e rendas per capita que variam de US\$ 79 mil (Luxemburgo) a US\$ 16 mil (República da Coreia). Durante os 50 anos passados, esses países abastados têm dominado a economia global, gerando 80% da sua produção econômica. Nos anos recentes, porém, surgiram novos tipos de economias, que hoje contestam o predomínio econômico dos países ricos.

Essas economias emergentes — os chamados "globalizadores" — representam um segundo nível de aproximadamente 30 países pobres e de renda média (incluindo China e Índia), com taxas de crescimento do PIB per capita de 3,5% ou mais e uma população total de 3,2 bilhões, ou cerca de 50% da população mundial. Esses países experimentaram níveis de crescimento econômico sustentado sem precedentes, que poderão capacitá-los a substituir os "abastados" como forças motrizes da economia mundial.

Os globalizadores são um grupo vasto e difuso de países — em tamanho, geografia, cultura e história — que aprenderam a se integrar de forma ideal na economia global, e também a influenciá-la, para catalisar o seu desenvolvimento.

Um terceiro nível é formado por aproximadamente 50 países de renda média, com uma população combinada de 1,1 bilhão de habitantes. Eles também abrigam boa parte dos recursos naturais críticos do mundo, detendo ao redor de 60% das reservas comprovadas de petróleo. Estes "rentistas", porém, não conseguiram traduzir as rendas da abundância dos seus recursos naturais em cresci-

mento ecor

O quarto ficaram parábres do murpessoas. Ele decadentes tardatários" África Subsa isolados da desafios de

Se quiser mais just de desem comércio precisam

Esse murveis apresetPrimeiro, pi sos esforços datários nã trás. Isso recra além de eficaz. Se c fluxos de apesar da ter crescide lhões, a man nada para ' mo perdão. Afeganistão da para de nuu de US\$ US\$ 38 por ras necessid países retar mundo nã sar da retrór Segundo